BOLETIM EVOLIANO

UMA ÚNICA COISA DEVE IMPORTAR AO HOMEM: PERMANECER DE PÉ ENTRE AS RUÍNAS.



Número especial temático

O Estoicismo e a Tradição

Também neste número:

O simbolismo do Arco

#07

MAI. - AGO. '09

Editorial

«Por que te chamas estóico? Assume o nome que convém aos teus actos, e não te adornes do que te não convém que nada mais faz que desonrar-te. Por toda parte se me antolham homens que enaltecem **as máximas do estoicismo**, mas não vejo estóicos. Mostra-me um estóico, um apenas. Um estóico, isto é, um homem que na enfermidade **se ache ditoso**, que ditoso se ache no perigo, e ditoso também no meio do desprezo e da calúnia. Se não podes mostrar-me esse estóico acabado e perfeito, mostra-me um que comece a sê-lo. Mostra-me um homem **sempre em conformidade com a vontade divina**, que jamais se queixe dos deuses, nem dos homens, que nunca veja frustrados os seus desejos, que não seja lastimado por ninguém, nem saiba o que é inveja, cólera, soberba; que, com um corpo mortal, sustente um secreto comércio com os deuses e que anseie por **despojar-se da veste mortal** e a eles unir-se em espírito.»

– Epicteto (55-135 d.C.)

Decidimos neste número 7 do Boletim Evoliano, porque fomos presenteados com um magnífico texto vindo de terras do Brasil e em exclusivo para a Legião Vertical, tratar de um tema filosófico que nos é caro: o Estoicismo.

De Epicteto, passando por Séneca até Marco Aurélio vamos fazer os nossos amigos leitores reler essa tradicional sabedoria que colocava os seus adeptos em "igual superioridade" face ao seu destino. Relembramos uma das histórias que se dá como verdadeira e atribuída a Epicteto (o escravo liberto) e que terá provocado uma mazela permanente na sua perna fazendo-o coxear: o seu dono, conhecedor do carácter de Epicteto e querendo-o castigar por alguma falta, teria amarrado o escravo enquanto lhe torcia uma perna. Epicteto disse-lhe: *se continuas a fazer-me isso vais parti-la*. E com mais força o dono torcia perante a estranha passividade do seu escravo. Até que a perna partiu. Epicteto, demonstrando a mesma tranquilidade, disse: *eu não te avisei que ia partir!*

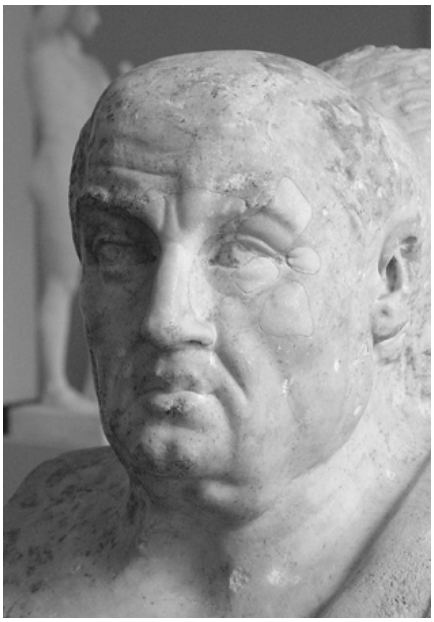
Dizia ele na (da) sua condição de escravo: "A escravidão do corpo é obra da fortuna ("destino"); a escravidão da alma é obra do vício. Aquele que conserva a liberdade do corpo, mas que tem a alma escrava, escravo é; mas aquele que conserva a alma livre, goza de absoluta liberdade, mesmo que esteja acorrentado".

Analisando à distância a filosofia estóica encontramos várias similitudes com outros padrões religioso-filosóficos como por exemplo o Budismo ou mesmo o Cristianismo, do qual se diz ter bebido muito dos estóicos, deturpando, talvez, o conceito por nós escrito "de igual superioridade para com o destino", assimilando-o a uma resignação, humilde e servil, quase como se isso fosse um prémio ou condição *sine qua non* para ganhar o céu (*É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu!*). Séneca e Marco Aurélio, ambos ricos e com poder mas também conhecedores e senhores da importância que seus cargos tinham na ordem social não poderiam segunda a perspectiva cristã alcançar o céu!

Há no entanto uma atitude, que se quer cada vez mais consciente, e que é comum a todas as formas Tradicionais de elevação do Homem, que consiste num correcto distanciamento dos bens materiais, o possuir sem ser por eles possuído. O saber que nada é eterno a não ser as coisas do Espírito. Ter os desejos sobre controlo, porque é destes, tal como também afirma o Budismo, que advêm muitos sofrimentos. Vigiar as nossas fobias e preocupar-nos por cumprir com o nosso dever, o nosso Dharma, pelo meio justo (assim também nos ensinou Buda). E procurar que todas as nossas acções sejam válidas servindo elevados propósitos.

Também nós, em circunstâncias precisas na nossa vida, relembramos por vezes e por uma necessidade racional, os ensinamentos estóicos, pela força e coragem que eles nos transmitem: "Não desanimes, e imita os mestres de exercícios que, quando um discípulo cai ao chão, mandam que se levante e lute de novo. Diz coisa semelhante ao teu espírito. Nada é mais dócil e flexível que o espírito do homem: basta-lhe querer, mas se fores uma vez fraco, estarás perdido, pois te não levantarás nunca mais na vida". (Epicteto)

Quando as coisas não correm como desejaríamos e o mal se instala no nosso meio, ou no círculo próximo, a revolta e o desânimo podem assolar-nos a alma. Por vezes vai surgindo lentamente, outras aparece como um murro no estômago, capaz de nos provocar o vómito. Sentimos isso quando a doença grave nos atinge ou ataca alguém que nos é querido e sentimos isso quando um camarada nos trai ou abandona. Mas não claudicar e permanecer de pé entre as ruínas, é a palavra de ordem, porque no que em particular diz respeito à nossa Legião sabemos que quando os buracos do crivo se apertam o cascalho vai inexoravelmente ficando para trás, e depois quando a poeira assenta reparamos que lá no fundo há um pequeno diamante que brilha. E aqui como uma espécie de *satori* (Zen) recordamos as sábias palavras do nosso grande Rodrigo Emílio: – Cada vez mais só mas mais bem acompanhado!



Busto de Séneca

ÍNDICE

Editorial	2
O que resta do estoicismo?	3
Duas cartas a Lucílio	5
Pensamentos	7
Os estóicos e o divino	8
O Estoicismo e a Tradição	10
O simbolismo do Arco	16

FICHA TÉCNICA

Número 7

2º quadrimestre 2009

Publicação quadrimestral

Internet:
www.boletimevoliano.pt.vu
www.legiaovertical.blogspot.com

Contactos:
boletimevoliano@gmail.com
legiaovertical@gmail.com

Análise

O que resta do estoicismo?

Julius Evola*

A maior parte das pessoas, que conhece o estoicismo apenas de nome ou pelo que aprendeu na escola, tem dele uma ideia muito errada. Quando se fala de atitude estóica, pensa-se habitualmente em força de ânimo, mas quase como que numa atitude de resistência passiva, numa indiferença desapegada em relação à vida. Há também quem queira ter visto no estoicismo algo parecido com o cristianismo, ao qual teria inclusivamente preparado o caminho.

Tudo isto corresponde muito pouco ao verdadeiro espírito do estoicismo, em especial o que tomou pé e se desenvolveu em Roma. A este respeito deve recordar-se que na antiga Roma foram sobretudo as estirpes patrícias que seguiram tal doutrina, que tinha menos o significado de uma "filosofia", que o de uma ética vivente, e que a tal respeito o estoicismo ajudou a uma espécie de reforço e reintegração no seu estilo originário de partes notórias da nobreza romana.

Pode-se denominar a ética estóica como eminentemente viril, realista e adaptada ao espírito dos combatentes. Assim, são de Séneca estas palavras: "Não temo dizer que entre os estóicos e os outros a diferença é tão grande como entre um homem e uma mulher feitos, na vida em comum, um para mandar e o outro para obedecer". Existe no verdadeiro estoicismo uma afinidade de natureza, mais ainda, verdadeiro parentesco, entre os deuses e o homem verdadeiro. A mente é denominada "o Zeus (o deus olímpico) em nós"; é também denominada *egemonikón*, ou seja, o princípio soberano. A ética estóica é a de uma soberania interior, a qual agrada a Deus, posto que – segundo tal doutrina – é digno de Deus não o homem que se humilha, mas sim aquele que o iguala.

"Pode-se denominar a ética estóica como eminentemente viril, realista e adaptada ao espírito dos combatentes. (...) Existe no verdadeiro estoicismo uma afinidade de natureza, mais ainda, verdadeiro parentesco, entre os deuses e o homem verdadeiro. A mente é denominada "o Zeus (o deus olímpico) em nós"; é também denominada *egemonikón*, ou seja, o princípio soberano. A ética estóica é a de uma soberania interior, a qual agrada a Deus, posto que – segundo tal doutrina – é digno de Deus não o homem que se humilha, mas sim aquele que o iguala."

A respeito da conduta geral de vida, é essencial a distinção, feita já pelos estóicos gregos, entre a *tà eph'èmin*, ou seja, entre o que depende de mim e o que não depende de mim. É este o aspecto realista do estoicismo. O mesmo convida a distinguir friamente entre o que se encontra em nosso poder e aquilo que não está, pelo contrário, em nosso poder, a fim de que o espírito não se encontre perturbado por isso e fique excluída toda a agitação estéril: justamente para a consciência realista daquilo que não está nas nossas forças prevenir ou modificar. Mas se, na condição humana, não dependem de nós muitas conjunturas e contingências, depende no entanto de nós a atitude tomada perante elas, a nossa reacção, e a tal respeito para o homem verdadeiro não há desculpa: ele pode e deve ser senhor da sua vida interior. O domínio dos impulsos, dos sentimentos, das paixões, vincula-se à *tà eph'èmin*, assim como a eliminação de todo o irracional movimento da alma. Aqui exerce-se a *virtus* do homem verdadeiro.

Esta *virtus*, romanamente, não é nem a pequena moral (a "moralina" de Nietzsche), nem um puritanismo. O estoicismo não implica necessariamente um ascetismo como renúncia àquilo que de agradável a existência pode oferecer. O seu preceito é apenas o de que tais coisas não vinculem a alma. Assim, os estóicos gregos, além de distinguirem o que é bom e mau em sentido superior, consideravam uma terceira categoria, a dos *adiáfora*, ou seja, das coisas indiferentes; e entre os *adiáfora* existiu também quem incluísse os prazeres do sexo. A justa atitude a tal respeito é indicada por uma analogia de Epicteto: o marinheiro, uma vez desembarcado em terra, pode recolher diferentes coisas e beber água fresca, no entanto deve fazer tudo isto pensando no barco, estando preparado para, perante a chamada do capitão, deixar tudo. O estoicismo preocupa-se apenas em que o homem não se lance desesperado ao banquete da vida. A dignidade é um dos seus valores mais elevados. Deixemos Epicteto falar mais uma vez: "recorda que deves



> “Para Séneca, o homem verdadeiro é mais que os deuses, já que se estes se encontram ao abrigo dos males por natureza, ele pelo contrário tem o poder de superá-los.”

comportar-te em toda a vida como num banquete. Se te oferecem uma refeição e apresentam-ta, estende a tua mão e toma-a civilizadamente. Passa ao lado? Não a detenhas. Ainda não chega? Não te deixes assaltar pelo apetite: espera que venha. O mesmo deve suceder com as mulheres, as coisas, as dignidades e os filhos, e tu serás assim digno de uma manhã te sentares à mesa dos deuses”.

O estoicismo enquanto ética de combatentes delineia-se sobretudo nos ensinamentos sobre o sentido do infortúnio e a atitude a assumir face ao mesmo. A tal respeito é em Séneca que se encontram as formulações mais sugestivas. A analogia é esta: no exército, para as expedições mais perigosas, para as tarefas mais duras são escolhidos os valentes, enquanto que os fracos e os cobardes são deixados na retaguarda. E aquele que é escolhido para essas missões diz: “O chefe honra-me”. Assim, pois – diz Séneca – “para o homem verdadeiro toda a adversidade é um exercício”. “Qual é o homem digno desse nome que não deseja provas que estejam à sua altura, que não procura tarefas perigosas para realizar?”. Tudo o que lhe acontece de adverso ele transforma-o em benefício próprio, vendo nisso uma ocasião para se temperar, para se formar. “Infeliz é aquele que não conheceu nunca o infortúnio – acrescenta Séneca – pois ele não sabe, nem tão-pouco nós sabemos, aquilo de que é capaz”. E também: “Há um espectáculo capaz de distrair a atenção de Deus em relação à sua obra: o do homem que luta com a sua desventura, especialmente se tiver sido ele a desafiá-la.” Para Séneca, o homem verdadeiro é mais que os deuses, já que se estes se encontram ao abrigo dos males por natureza, ele pelo contrário tem o poder de superá-los.

Naquilo que “depende de mim” encontra-se a coragem na capacidade de impedir que injustiças e injúrias perturbem a alma. Deixemos Séneca falar de novo: “Quanto mais o teu nascimento, a tua fama, a tua sorte te distancia dos demais, mais ainda deves demonstrar vigor recordando que nos combates os corpos eleitos formam a primeira linha. Ofensas, insultos, afrontas, injúrias de todo o tipo, tudo isto deves considerar como vociferações do inimigo, como flechas lançadas desde muito longe para que possam alcançar-te e ferir-te. E ainda que te pareça que o ataque supera as tuas forças, não cedas. Defende a posição que a natureza te atribuiu. Que posição? A de homem”. Deixar-se vencer em tais casos por motivos irracionais da alma, significa abdicar da própria dignidade.

É notabilíssima depois a norma de uma calma na acção e de uma acção na calma, segundo o dito: *Inter se ista miscenda sunt: et quiescenti agendam et agendi quiescendum est*. É o estilo de quem é verdadeiramente soberano no próprio domínio da vida activa, e não o agitado, o homem enredado pelo descomposto impulso para fazer, para chegar, para cumprir. É um bom metro para medir o nível espiritual do “activismo” dos nossos dias.

O estoicismo (assim como o budismo e a ética extremo-oriental) admite o suicídio. Mas o que já se mencionou é suficiente para indicar o seu verdadeiro sentido: o mesmo admite-o não como uma fuga, mas sim como uma extrema sanção da soberania e da liberdade interior do homem. Tal como no Oriente, encontra-se aqui implícita a ideia de que o homem se lançou, ele próprio, à aventura terrestre. O seu imperativo normal é, tal como vimos, o de manter as posições. Mas ele não deve nunca esquecer que isto é ele que o quer. Caso contrário, a porta de “saída” encontra-se aberta: *patet exitus*. É novamente um rasgo de virilidade, de autonomia espiritual.

Além disto, Séneca, tal como Platão, fala de um duplo Estado, ao qual o homem verdadeiro pertence ao mesmo tempo: um é invisível, eterno, espiritual, o outro é o da terra. E diz: “Que existam seres invencíveis, caracteres contra os quais as contingências nada podem, isso é no interesse do Estado dos homens”.

---

* Publicado em *Roma,* 16/12/1957.

Doutrina

Duas cartas a Lucílio (de Séneca)

Introdução

Os seus escritos, além de serem uma forma de difundir no público as suas ideias e de assim realizar uma tarefa pedagógica (que sempre esteve na mira do estoicismo), são também uma forma de se educar a si próprio, são exercícios espirituais que propõe tanto para si como para os outros, são meditações sobre as ocorrências da sua existência, são uma forma de fixar as suas ideias, de assegurar para si uma estabilidade, uma constância assente na ***fidelidade aos princípios****, um método para atingir a identidade consigo próprio, para ser sempre igual a si mesmo, para, como ele diz, "querer e não querer sempre a mesma coisa" (idem uelle et idem nolle). (...) Ora um enfermo, seja ele um homem ou uma sociedade, deve procurar tratar-se, e foi isso o que Séneca pretendeu fazer infatigavelmente, não apenas diagnosticando com precisão a moléstia, mas ainda propondo criteriosamente o remédio.*

- J. A. Segurado e Campos*

4.

Prossegue a vida que encetaste, apressa-te quanto puderes, para mais tempo te ser dado usufruir de um espírito correcto e equilibrado. Mesmo enquanto o corriges e equilibras podes ir usufruindo dele; a contemplação de uma alma livre de toda a mácula e resplandecente, todavia, é um prazer de natureza bem superior!

Ainda te lembras, certamente, da alegria que sentiste quando, despindo a toga pretexta, vestiste a toga viril[1] e fizeste a tua entrada no foro. Prepara-te para uma alegria ainda maior quando te despojares do espírito pueril e, graças à filosofia, entrares no círculo dos homens. Até esse momento, perdura em nós, não naturalmente a infância, mas sim a mentalidade infantil, o que é muito pior. E pior ainda é que já temos a autoridade da velhice mas mantemos vícios de crianças; não só de crianças, mas mesmo de recém-nascidos, pois as crianças temem coisas sem importância e os recém-nascidos coisas inexistentes; nós, tememos umas e outras.

Persevera, pois, e compreenderás que há coisas que são tanto menos de temer quanto maior é temor que inspiram! Nenhum mal é verdadeiramente grande quando é o último. A morte aproxima-se de ti. Ela seria, de facto, temível se pudesse estar sempre contigo; na realidade, porém, a lei natural é que ela ou não te atinja ou te ultrapasse. "É difícil" — dirás — "levar o espírito a conseguir desprezar a vida." Mas tu não vês como, continuamente, ela é desprezada por motivos fúteis? É um que se enforca diante da porta da amante, é um servo que se atira do telhado abaixo para deixar de aturar os ralhos do senhor, é um escravo fugitivo que, para não ser recapturado, se trespassa com um punhal! Pois bem, achas que a virtude é incapaz de conseguir aquilo que um terror pânico consegue? Ninguém pode obter uma vida segura se continuamente pensar em prolongá-la, se considerar entre os bens mais preciosos um grande número de anos.

Medita diariamente nisto, para seres capaz de abandonar a vida com serenidade de espírito: muitos são os que se agarram a ela como pessoas arrastadas pela corrente, que jogam a mão aos cardos e aos rochedos! Muitos há que andam miseravelmente à deriva entre o medo da morte e os tormentos da vida, sem querer viver nem saber morrer.

Se queres ter uma vida agradável deixa de preocupar-te com ela! Nenhum objecto dá bem-estar ao seu possuidor senão quando este está preparado para ficar sem ele; e nenhuma coisa mais facilmente podemos perder do que aquela que é irrecuperável depois de perdida. Anima-te, pois, e ganha coragem contra aquilo que é inevitável mesmo aos mais poderosos. A vida de Pompeio veio a estar nas mãos de um pupilo e de um eunuco; a de Crasso, nas do Parto cruel e orgulhoso. Gaio César mandou o tribuno Dextro matar Lépido, e ele próprio veio a ser morto por Quérea. A ninguém a fortuna elevou a tal ponto que se livrasse das ameaças que fazia impender sobre os outros. Não confies na calmaria presente: o estado do mar altera-se dum momento para o outro e no mesmo dia um barco pode naufragar lá mesmo onde há pouco passara sem perigo. Pensa que um ladrão, um inimigo, pode enterrar-te uma adaga na garganta; e se alguém mais poderoso o não fizer, qualquer escravo terá sobre ti poder de vida ou de morte. Podes estar certo disto: quem despreza a própria vida é absoluto senhor da tua! Passa em revista os casos dos que morreram às mãos dos seus servos ou violentamente e às claras, ou através de algum ardil e verificarás que a ira dos escravos não fez menor número de vítimas que a dos reis! Que te importa, portanto, o poder daqueles que receias se qualquer um poderá fazer aquilo mesmo que tu receias? Se, porventura, caíres nas mãos do inimigo, o vencedor dar-te-á o destino que, afinal de contas, será sempre o teu! Porque te enganas a ti mesmo e só agora te dás conta daquilo que, desde sempre, é o teu destino? Fica certo: caminhas para a morte desde que nasceste! Estas reflexões, ou outras similares, devemos ter sempre no espírito, se queremos aguardar com serenidade aquela última hora, cujo temor enche todas as outras de sobressalto.

> “Nenhum mal é verdadeiramente grande quando é o último. A morte aproxima-se de ti. Ela seria, de facto, temível se pudesse estar sempre contigo; na realidade, porém, a lei natural é que ela ou não te atinja ou te ultrapasse. (...) Se queres ter uma vida agradável deixa de preocupar-te com ela! Nenhum objecto dá bem-estar ao seu possuidor senão quando este está preparado para ficar sem ele.”

Para finalizar esta carta, aqui te deixo uma máxima que li hoje, e que também ela foi colhida num jardim alheio: “uma verdadeira riqueza é a pobreza conforme à lei natural.” Sabes quais os limites que a lei natural nos impõe? Não passar fome, nem sede, nem dor. Para evitar a fome e a sede não é necessário frequentar a casa dos grandes senhores, nem suportar o seu ar carrancudo, ou a sua ofensiva bondade, não é preciso correr riscos no mar ou ir em expedições bélicas: aquilo de que a natureza necessita está perto, está à nossa mão. É o supérfluo que nos faz envelhecer nos quartéis, que nos leva até terras estranhas! O indispensável está ao nosso alcance. Aquele que sabe viver em paz com a pobreza, esse, é verdadeiramente rico.

5.

Estudas perseverantemente e deixando tudo o mais apenas te aplicas ao teu quotidiano aperfeiçoamento: aprovo-te com satisfação, e não só te aconselho, como te peço que continues assim. E mais te aconselho a que não procedas como aqueles que mais pretendem dar nas vistas do que aperfeiçoar-se: evita tudo quanto se torna notado, quer na tua pessoa, quer no teu estilo de vida. O aspecto descuidado, o cabelo por cortar, a barba por fazer, o ódio afectado ao dinheiro, a cama no chão, são formas deformadas de ambição que tu deves recusar. O próprio nome da filosofia, ainda que sem atitudes ostentatórias, já causa por si má vontade! O que seria, então, se nos começássemos a afastar dos comuns hábitos de vida. Sejamos no íntimo absolutamente diferentes, embora na aparência vivamos como os demais. Não usemos togas esplendorosas, nem tão pouco sórdidas; não tenhamos pratas cinzeladas com incrustações de ouro maciço, nem tão pouco consideremos sinal de frugalidade a ausência completa de ouro e prata. Devemos agir de modo a que, em comparação com os outros, a nossa vida seja, não diametralmente oposta, mas sim melhor. De outro modo poremos em fuga e afastaremos de nós aqueles que desejamos corrigir, acabaremos por conseguir que não nos imitem em nada por receio de nos deverem imitar em tudo.

A primeira coisa que a filosofia nos garante é o senso comum, a humanidade, o espírito de comunidade, coisas de cuja prática nos afastará uma vida demasiado diferente. Devemos precaver-nos, não vão os nossos actos, que desejamos merecedores de admiração, tornar-se antes ridículos e odiosos.

O nosso objectivo é, primacialmente, viver de acordo com a natureza. Ora é antinatural torturar o próprio corpo, repelir os cuidados elementares de higiene, procurar a sujidade e tomar alimentos não apenas humildes mas repugnantes, repelentes. Assim como é luxo e gula só desejar iguarias sofisticadas, assim também é loucura evitar as habituais que se conseguem sem grande dispêndio. A filosofia exige frugalidade, não suplícios, e a frugalidade não necessita de ser desordenada. Há um meio-termo que eu preconizo: que a nossa vida seja um equilíbrio entre o modo de vida superior e o vulgar; que todos olhem a nossa vida como algo acima do normal, mas sem que sejamos uns estranhos para eles. “Que dizes? Então nós havemos de fazer o mesmo que os outros? Entre nós e eles não haverá diferença alguma?”

A maior possível: a um exame mais atento ver-se-á como diferimos do vulgar e quem entrar na nossa casa admirar-nos-á mais a nós do que à nossa mobília. Um espírito superior é capaz de usar utensílios de barro como se fossem de prata, mas não é inferior aquele que usa os de prata como se fossem de barro. Dá provas, contudo, de um espírito imperfeito aquele que não sabe suportar a riqueza. Mas quero partilhar contigo o pequeno lucro que tirei do dia de hoje. Li no nosso Hecatão que pôr termo aos desejos é proveitoso como remédio aos nossos temores.

Diz ele: “Deixarás de ter medo quando deixares de ter esperança.” Perguntarás tu como é possível conciliar duas coisas tão diversas. Mas é assim mesmo, amigo Lucílio: embora pareçam dissociadas, elas estão interligadas. Assim como uma mesma cadeia acorrenta o guarda e o prisioneiro, assim aquelas, embora parecendo dissemelhantes, caminham lado a lado: à esperança segue-se sempre o medo. Nem é de admirar que assim seja: ambos caracterizam um espírito hesitante, preocupado na expectativa do futuro. A causa principal de ambos é que não nos ligamos ao momento presente antes dirigimos o nosso pensamento para um momento distante e assim é que a capacidade de prever, o melhor bem da condição humana, se vem a transformar num mal. As feras fogem aos perigos que vêem mas assim que fugiram recobram a segurança. Nós tanto nos torturamos com o futuro como com o passado. Muitos dos nossos bens acabam por ser nocivos: a memória reactualiza a tortura do medo, a previsão antecipa; apenas com o presente ninguém pode ser infeliz!

---

* *Cartas a Lucílio*, Séneca, introdução e notas de J. A. Segurado e Campos, Fundação Calouste Gulbenkian (pp. 7-12).

1. A toga pretexta, decorada com uma banda de cor púrpura, era usada pelos jovens até à idade de dezasseis anos, altura em que, reconhecida a sua maioridade e capacidade de aceder aos direitos plenos de cidadão, passavam a usar a toga viril, inteiramente branca. A substituição, portanto, da toga pretexta pela toga viril é um indício de maturidade.

Doutrina

Pensamentos (de Marco Aurélio)



1 — De meu avô Vero, recolhi lições de cortesia e serenidade imperturbável.

2 — Da fama que deixou e do que dele me lembro, herdei de meu pai uma lição em que se conjugam discrição e carácter viril.

3 — De minha mãe me veio o exemplo de piedade e ânimo dadivoso e de fugir não só de fazer mal, mas de nem sequer demorar o pensamento no que é mal; e ainda a lição de uma vida simples, avondo distanciada da que levam os ricos.

4 — Boa lição me deu meu bisavô em não ter frequentado escolas públicas e ter beneficiado de bons mestres ao domicílio; e ter compreendido que para tal é mister gastar bom dinheirinho.

5 — De meu preceptor, com não ser pelos verdes nem pelos azuis e a ser indiferente a escudos longos ou mais curtos, ensinou-me a arrostar com as dificuldades e a encurtar o elenco das necessidades, a desenrascar-me por mim, a não me enliçar em coisas inúteis e a repelir a calúnia.

6 — De Diogneto me terá vindo o horror à bagatela, o não me fiar no que dizem os que fazem prodígios e os charlatães acerca de encantamentos e meios de sacudir demónios e semelhantes embustes; não me dar à criação de codornizes nem me engodar com tais ninharias; gostar da franqueza; ter-me familiarizado com a filosofia; e ter seguido primeiro as lições de Baquio e a seguir as de Findase e de Marciano; ter escrito diálogos em verdes anos; gostar de um leito de campanha térreo com uma simples pele a cobrir, e tudo o que diz com o regime de educação dos Gregos.

7 — De Rústico, o ter concebido a ideia de que o meu carácter precisava de rectidão, disciplina e vigilância a todas as horas; aprendi com ele a não me enliçar na paixão da sofística; a pôr-me a mil léguas de escrever tratados cheios de muita teoria ou escrevinhar compêndios oratórios que visam persuadir os tolos; e a fugir de embasbacar o mundo com estadear obras de beneficência; e a dar de mão à retórica, à poesia e ao estilo precioso; e a não andar feito parvo vestido de toga em casa nem coisa que se lhe pareça; e a escrever as minhas cartas com simplicidade como a que ele escreveu de Sinuessa a minha mãe; a estar sempre pronto a reconciliar-me com os que por palavra ou acção me hajam ofendido logo que eles esboçarem desejo de reconciliação; a ler com pausa sem me contentar com uma olhadela por cima da burra; e a não dar assentimento a pessoas que tagarelam a trouxe-mouxe; devo-lhe ainda o ter lido as obras de Epicteto, livros da sua biblioteca pessoal.

8 — De Apolónio aprendi a independência e a decidir-me por mim sem recurso aos dados; e a não me guiar, um instante que seja, senão pela luz da razão; manter a calma sob o rijo aguilhão das dores, como a perda de um filho ou as longas doenças; nele pude ver claramente um exemplo vivo de como se pode aliar a doçura à maior energia; as suas exposições eram sempre um modelo de clareza; tive a sorte de conhecer um homem que julgava o menor de seus dons a experiência e a habilidade em transmitir o que sabia; com ele aprendi a receber os presentes interesseiros sem venda nos olhos, mas também sem os declinar com grosseria.

9 — Sexto deu-me a lição de benevolência e o exemplo de uma família patriarcal; a concepção da vida conforme à natureza; a gravidade sem afectação; a solicitude sempre desperta pelos amigos; a tole-

rância para com os tolos e o não fazer caso dos que largam sentença sem pinga de reflexão; a arte de se adaptar a gente de todo o feitio; conversá-lo era encanto que nenhuma adulação igualava, todos sentindo por ele, enquanto o ouviam, o mais profundo respeito; a perícia para descobrir com precisão e método e a dispor em boa ordem os princípios necessários à boa conduta da vida; não dar mostras, em tempo algum, nem de cólera nem de nenhuma outra paixão, mas possuir um carácter calmo e ao mesmo tempo afectuosíssimo; o gosto de louvar com discrição; e uma erudição enorme sem resquício de pedantismo.

10 — De Alexandre, o Gramático, aprendi o desamor de criticar por criticar; não cair com termos injuriosos em cima do infeliz a quem escapou um barbarismo ou solecismo ou qual quer outro lapso; mas sugerir certeiramente o único termo correcto, como quem não quer a coisa, ao fio de uma resposta ou de um complemento explicativo ou de um debate em comum sobre o fundo da questão e não sobre a forma ou por qualquer outro meio de sugestão indirecta que a propósito viesse.

11 — De Frontão me veio o ensinamento de quem tinha observado até onde chega a inveja, a duplicidade e a hipocrisia dos tiranos; demais vira ele que, quase sempre, estes figurões a quem entre nós chamamos patrícios o mais das vezes não albergam chama de afecto.

12 — De Alexandre, o Platónico, aprendi que se não deve dizer muita vez e sem necessidade, de palavra ou por carta, que estamos muito ocupados e furtarmo-nos assim constantemente aos deveres que as relações sociais impõem sob pretexto de que estamos sobrecarregados de ocupações.

13 — E Catulo, que me ensinou ele? A não sacudir um amigo que se queixa de nós, mesmo se, no caso, a queixa não tem fundamento, mas tentar restabelecer as relações como dantes; dizer bem dos mestres sem contrafacções, como é fama faziam Domício e Atenódoto; e amar com amor verdadeiro os próprios filhos.

Estudo

Os estóicos e o divino

Os estóicos adoptam as formas religiosas do seu tempo, mas a sua devoção reveste uma forma que lhes é própria. De todas as orações que nos legou a Antiguidade, o *Hino* de Cleantes é uma das mais fortes:

Tu, que és o mais glorioso dos imortais, eternamente todo-poderoso e com múltiplos nomes,
Zeus, autor da natureza, que governas todas as coisas segundo a tua lei,
Eu saúdo-te, porque é permitido a todos os mortais dirigir-te a palavra.
É que nós nascemos de ti e que o nosso destino é sermos à imagem de Deus,
Únicos entre os seres mortais que vivem e se movem sobre a terra.
Por essa razão dedicar-te-ei um hino e cantarei sempre o teu poder.
É a ti que este universo inteiro que gira em volta da terra
Obedece, seja qual for o lugar onde o conduzas, e é de bom grado que ele se submete ao teu poder:
Que auxiliar empunhas tu nas tuas mãos invencíveis,
O raio eterno de fogo com duplo gume!
Sob os seus golpes todas as obras da natureza estremecem,
Com ele tu diriges o Logos universal que penetra em todas as coisas,
*Misturado aos luminares celestes, quer aos grandes quer aos pequenos…** (o texto apresenta a seguir um verso destruído)
Nada se produz na terra sem ti,
Nem na divina e etérea abóbada celeste nem sobre o mar,
Salvo os actos que, na loucura que lhes é própria, os criminosos executam.
Mas tu, tu sabes fazer com que regresse à ordem mesmo aquilo que ultrapassa a medida,
Sabes conceder beleza àquilo que não a tem, e o inimigo torna-se para ti amigo.
Harmonizaste tão bem todas as coisas, as nobres com as vis, de forma a construir uma unidade,
Que o Logos eterno de todas as coisas é uno.
Os mortais que são maus fogem dele, na sua negligência,
Os infelizes; desejam incessantemente possuir bens,
Não vêem nem ouvem a lei universal de Deus,
E não se dão conta de que, se tivessem a inteligência de a seguir, teriam uma vida nobre.
Mas eles, insensatos, lançam-se na direcção de um outro mal,
Alguns, aspirando glória, têm um zelo briguento,
Outros desejam imoderadamente ganhos fraudulentos,
Outros ainda a licença e os prazeres do corpo
*…** (lacuna) *eles são levados de um objecto para o outro,*
E, embora o façam com grande zelo, atingem exactamente o inverso daquilo que pretendiam.
Mas tu, ó Zeus que dás todo o bem, tu que envolves as nuvens, mestre do raio,
Livra os homens da miserável ignorância,
Expulsa-a, Pai, da nossa alma, faz com que obtenhamos
A inteligência na qual tu te apoias para governar com justiça o univer-

so
A fim de que, honrados dessa maneira, nós possamos responder a essa honra
Cantando continuamente hinos às tuas obras como é próprio
De um mortal, uma vez que não existe maior privilégio para os homens
E para os deuses do que cantar sempre, como se deve, a lei universal.

Reconhecem-se os grandes temas da concepção estóica do universo, animados pelo sopro de uma verdadeira devoção. O fogo organizador do mundo, que atravessa todas as coisas e que é a racionalidade, o *logos* do universo, encontra-se ligado a Zeus, na ocorrência a um Deus pessoal e único, que evidentemente nada tem a ver com o Zeus da mitologia. Este Deus, cuja omnipotência se exprime através da lei que se impõe a todas as coisas, é ao mesmo tempo um Pai que dispensa todo o bem. E como o que conduz os homens ao mal e ao sofrimento é a ignorância, que os faz correr atrás daquilo que pensam ser um bem para no final apenas obterem a infelicidade, o que se lhe pede é o conhecimento. E canta-se em seu louvor.

Este hino mostra bem que nem a física nem a racionalidade estóica dissolvem o fervor religioso e que, pelo contrário, lhe dão uma nova profundidade. A omnipotência e a omnipresença do fogo artista conferem uma grande intensidade à paternidade divina. O facto de Deus ser força física e razão do universo não suprime o divino das leis ou o poder da natureza e em nada se opõe a que Deus seja considerado como um ser pessoal, como um Pai. Este parentesco divino, que se reencontrará em Epicteto, aparece num texto contemporâneo, que terá uma grande difusão no mundo greco-romano, os *Fenómenos* do estóico Arato, cujo início se parece efectivamente com o hino de Cleantes (seria arriscado falar de influência, não se sabendo a qual deles atribuir a anterioridade):

> “Se pudéssemos, como seria justo, impregnarmo-nos desta ideia, de que derivamos todos de Deus e de que Deus é o pai dos homens e dos deuses, penso que seria impossível pensar sobre nós próprios algo de vil e de baixo. (...) mas pelo facto de se misturarem dois elementos quando somos gerados, o corpo, que temos em comum com os animais, e a razão e o pensamento, que temos em comum com os deuses, alguns inclinam-se para esse parentesco infeliz e mortal, enquanto outros, pouco numerosos, se inclinam para o parentesco divino e bem-aventurado. Portanto, dado que cada um utiliza necessariamente cada coisa segundo a opinião que faz dela, esse pequeno número de homens que se sabem nascidos para a fidelidade, para o respeito e para a segurança no uso das representações não pensam sobre si mesmos nada de baixo ou de vil, ao passo que, com o grande número, passa-se exactamente o oposto.”

“Comecemos por Zeus, nunca nos esqueçamos, nós os homens, de falar dele. Todas as ruas e todas as praças públicas dos homens estão cheias de Zeus, e cheio dele está também o mar e os portos. Todos temos necessidade de Zeus, em toda a parte, porque também somos da sua raça.”

Este parentesco divino integra-se perfeitamente no pensamento estóico, dado que o *pneuma* divino também está em nós. É notável, porém, que em vez de ser simplesmente uma identidade objectiva destinada a explicar o universo, esta presença seja vivida no modo da relação pessoal fortemente carregada de afectividade. Deus não se reduz a um elemento físico, é a física que permite ver Deus em tudo. Não é indiferente que Deus seja aqui nomeado na forma pessoal de Zeus.

Para Epicteto é preciso tomar consciência do parentesco com Deus e tirar as consequências disso:

“Se pudéssemos, como seria justo, impregnarmo-nos desta ideia, de que derivamos todos de Deus e de que Deus é o pai dos homens e dos deuses, penso que seria impossível pensar sobre nós próprios algo de vil e de baixo. Se César te adopta, ninguém poderá aguentar o teu olhar; e se tu sabes que és filho de Deus, não serás exaltado. Não é esse o nosso caso agora, todavia; mas pelo facto de se misturarem dois elementos quando somos gerados, o corpo, que temos em comum com os animais, e a razão e o pensamento, que temos em comum com os deuses, alguns inclinam-se para esse parentesco infeliz e mortal, enquanto outros, pouco numerosos, se inclinam para o parentesco divino e bem-aventurado. Portanto, dado que cada um utiliza necessariamente cada coisa segundo a opinião que faz dela, esse pequeno número de homens que se sabem nascidos para a fidelidade, para o respeito e para a segurança no uso das representações não pensam sobre si mesmos nada de baixo ou de vil, ao passo que, com o grande número, passa-se exactamente o oposto. «Quem sou eu? Um miserável pedaço de homem» e «infortunados bocados de carne é o que eu sou». Miseráveis, com efeito, porém tu possuis algo de superior aos pedaços de carne. E, sendo assim, por que razão o abandonas e te ligas a estes?” (Conversas, I, 3, 1-6.)

Jean-Joël Duhot, *Epicteto e a sabedoria Estóica*.

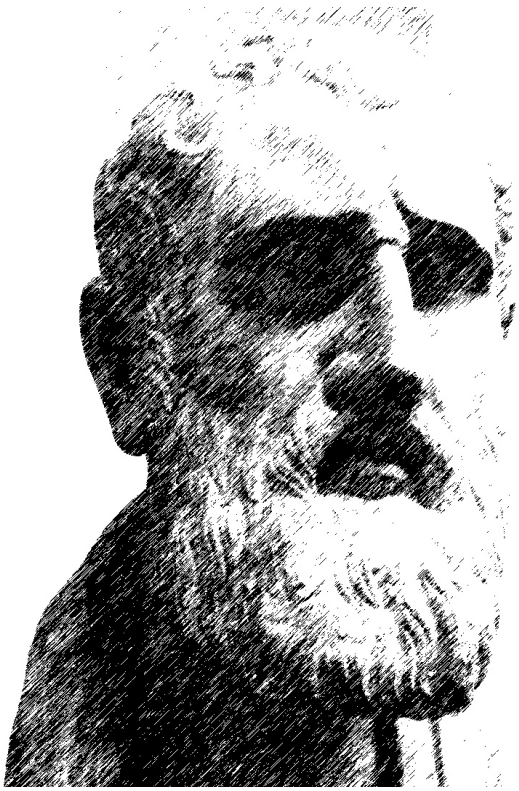
O Estoicismo

Marcos Rogério Estevam

Introdução

O Estoicismo foi uma escola filosófica fundada por Zenão em Atenas, ao redor do ano 300 AEC, com inspirações em Heráclito, Sócrates e no cínico Diógenes. Por volta do início da Era Comum, o Estoicismo é absorvido pelo Império Romano e rapidamente se torna numa das suas filosofias oficiais (juntamente com o Epicurismo). Não é difícil entendermos o porquê: o sábio estóico ideal descrito pelos textos coincide numa série de pontos com aquele perfil viril e solar que já era património dos Romanos: a claridade espiritual, a simplicidade, a objectividade, a ausência de misticismo e sentimentalismo, o valor posto sobre as virtudes (temperança, coragem, justiça e sabedoria), a lealdade ao ideal do Império e um estilo de vida desprovido de afectação encontram sua fundamentação básica nos preceitos estóicos. Tanto é assim que os estóicos serviram de modelo e inspiração para a Ordem militar que regia a Prússia:

"Sabe-se que o nó original da Prússia foi uma Ordem, a Ordem dos Cavaleiros Teutónicos, chamada em 1226 pelo duque polaco Konrad de Mazovie a defender as fronteiras do Leste. Os territórios conquistados e os dados em feudo formaram um Estado dirigido por essa Ordem e protegido pela Santa Sé, da qual dependia no plano da disciplina, e pelo Sacro Império Romano. O Estado englobava a Prússia, o Brandeburgo e a Pomerânia. Em 1415, voltou aos Hohenzollern. Em 1525, com a Reforma, o Estado da Ordem "secularizou-se", emancipou-se de Roma, mas, mesmo desaparecido o laço propriamente confessional da Ordem, manteve o seu fundamento ético,



Zenão, fundador do estoicismo

ascético e guerreiro. Assim se continuou a tradição que deu forma ao Estado prussiano nos seus aspectos mais característicos. Ao mesmo tempo que a Prússia se constituía em reino, criava-se em 1701 a Ordem da Águia Negra, ligada à nobreza hereditária, que tomou por divisa as origens e o princípio clássico da justiça: *Suum cuique*. Interessa notar que na formação prussiana do carácter, especialmente entre o corpo de oficiais, se faz referência explícita à retomada do estoicismo no sentido do domínio sobre si mesmo, à firmeza de alma e a um estilo de vida sóbrio e íntegro. Assim, por exemplo, no *Corpus Juris Militaris*, introduzido no século XVIII nas escolas militares, recomendava-se aos oficiais o estudo das obras de Séneca, de Marco Aurélio, de Cícero e de Epicteto. Marco Aurélio foi uma das leituras preferidas de Frederico o Grande. Correlativamente, alimentava-se antipatia pelo intelectualismo e pelo mundo das letras (recorde-se a propósito a atitude sarcástica e drástica de Frederico-Guilherme I, o "rei dos soldados", que queria fazer de Berlim uma "Esparta nórdica". A fidelidade à Coroa (liberdade na obediência) e o princípio de serviço e de honra caracterizavam a classe política que dirigia o Estado prussiano, antigamente um Estado da Ordem, conferindo-lhe forma e poder" (Evola, *Fascismo e III Reich*).

E como dizíamos, com a introdução do estoicismo em Roma, o que antes era um traço interior torna-se passível de ser exposto e defendido de maneira lógica e filosófica. Entre os principais filósofos estóicos romanos cujos textos nos chegaram encontramos o escravo que foi liberto Epicteto (autor do "Manual" e dos "Discursos"), o cônsul romano Séneca que foi autor de dezenas de "Tratados Morais" e cartas expondo a doutrina estóica e por fim Marco Aurélio, último grande Imperador de Roma com suas "Meditações". Ao longo do nosso texto, iremos referir-nos a todos estes textos sem nos preocuparmos com suas autorias para tornar

E A TRADIÇÃO

mais fluida a exposição das ideias. Contudo, os nossos leitores são fortemente incentivados a buscar as fontes originais.

O objectivo deste artigo é fornecer, em largos traços, uma visão do *ethos* estóico e como ele se relaciona com os ensinamentos da Tradição.

> "O sábio estóico ideal descrito pelos textos coincide numa série de pontos com aquele perfil viril e solar que já era património dos Romanos: a claridade espiritual, a simplicidade, a objectividade, a ausência de misticismo e sentimentalismo, o valor posto sobre as virtudes (temperança, coragem, justiça e sabedoria), a lealdade ao ideal do Império e um estilo de vida desprovido de afectação"

Evola e os Estóicos

No seu longo estudo introdutório ao pensamento de Julius Evola, H. T. Hansen, na edição americana de *Os Homens e as Ruínas*, diz-nos que Evola planeava e já tinha pronto o plano para um livro tratando sobre os estóicos, mas que infelizmente nunca veio à luz devido ao seu falecimento. De facto é importante destacar o quanto de estoicismo aparece nas suas duas últimas obras mais importantes: a já citada *Os Homens e as Ruínas* e *Cavalgar o Tigre*. Na primeira, encontramos no capítulo 6, que trata do trabalho e das forças económicas, a seguinte passagem:

"Em um nível superior, a fórmula *substine et abstine* era um axioma de sabedoria que ecoava através do mundo Clássico; uma das possíveis interpretações do dito Délfico: «Nada em excesso» poderia também ser aplicado a esta ordem de considerações."

A fórmula citada significa "suporte e abstenha-se", e era um dos principais lemas estóicos, e indica a superioridade interior de quem pode actuar no mundo sem ser afectado por ele. Ou, de acordo com a Tradição Taoista: wu-wei, "agir sem agir" (Tao te Ching, 47):

Sem sair,
pode-se conhecer o mundo todo.
Sem olhar pela janela,
pode-se ver os caminhos do Céu
Quanto mais longe se vai,
menos se conhece.
Portanto o Sábio não vai, mas conhece.
Ele não olha, mas vê.
Ele não faz, mas tudo é feito.

Encontramos ainda em *Cavalgar o Tigre*, no capítulo 30 ("Morte: O direito sobre a Vida"), uma longa discussão sobre a maneira como o Estoicismo e o Budismo encaravam a questão do suicídio. Evola utiliza para isso os escritos de Séneca, em particular o seu tratado "Sobre a Providência". Para Séneca e os estóicos, um indivíduo não deve abandonar a vida quando as circunstâncias materiais lhe são desfavoráveis. Ao contrário, é justamente nestes momentos que ele deve ser testemunho de princípios superiores e aplicar a fórmula *substine et abstine*, demonstrando a sua superioridade sobre os "indiferentes" (ver mais abaixo). O suicídio é permitido quando se percebe uma ameaça à dignidade interior, a impossibilidade de agir nobremente, de escolher aquilo que é superior. Por outras palavras, o sábio, aquele que está em contacto com a sua natureza superior tem o controle sobre a sua vida e o direito de sair dela quando assim o julgar oportuno. Epicteto costumava comparar a vida a um jogo no qual participamos voluntariamente, obedecendo às regras estabelecidas e de acordo com o nosso papel dentro do jogo. Nada mais fácil portanto que, quando não mais se quiser participar do jogo, sair dele. Mas, enquanto nele, devemo-nos comportar de maneira honrada e firme (Manual, XVII):

"Pois este é o seu dever [em sânscrito, "dharma"]: representar bem o papel que lhe foi dado, mas escolher este papel cabe a outro [a Zeus, o princípio divino]."

Uma declaração importante feita por Evola em *Cavalgar o Tigre* é a de que o Estoicismo juntamente com o Budismo (tal como apresentado nos textos do Cânone Pali) pode se tornar um arcabouço seguro para os homens diferenciados que têm a sua pátria espiritual no mundo tradicional. Evola chega mesmo a comparar os exercícios ascéticos do Budismo com a mentalidade estóica:

"A ascese proclamada pelo Príncipe Siddhartha está completamente preenchida de uma congeneali-

“Actualmente, acredita-se que um estóico seja uma pessoa sem qualquer emoção e que aceita passivamente o destino. Tal interpretação deve-se a uma perda do sentido original do termo grego “pathós” (...) No original, “pathós” significa “sofrimento” e um dos principais objectivos estóicos é o de livrar-se de todo “pathós”, ou seja, sofrimento. Neste sentido, o sábio estóico diz-se “apático”. Contudo, ele irá sim sentir todas as emoções pertencentes ao espectro humano *mas não se deixará dominar por elas*.”

dade íntima e com um traço do elemento intelectual e Olímpico que é a marca do Platonismo, Neoplatonismo e do Estoicismo Romano” (Evola, ***A Doutrina do Despertar***, cap. 2).

Actualmente, com a ausência de escolas e caminhos iniciáticos autênticos e ainda dotados de poder iniciatório, cabe ao indivíduo buscar com o auxílio de textos e algumas técnicas provocar em si mesmo a mudança interior correspondente ao que em outras sociedades poderia ser obtido de maneira orgânica e direccionada.

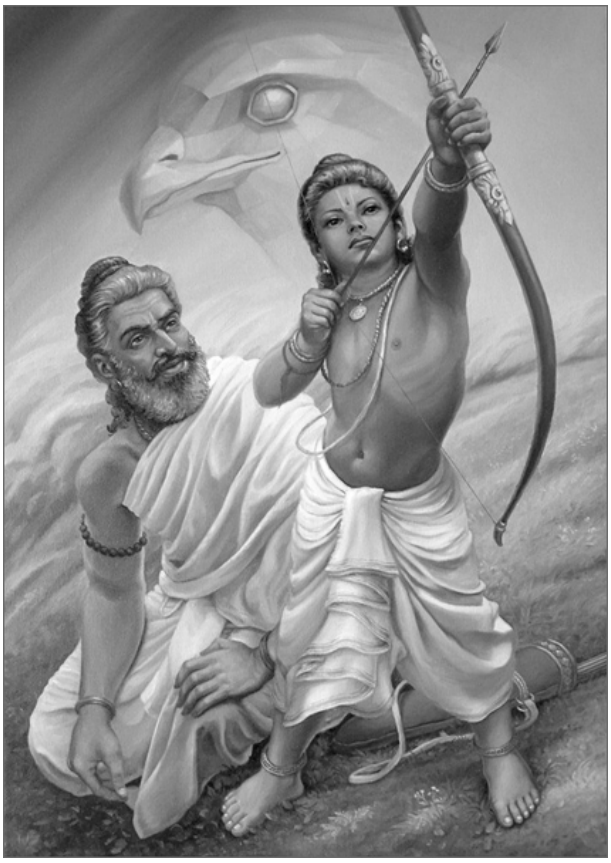
De facto, acreditamos que os princípios básicos do Estoicismo, tais como serão descritos brevemente neste trabalho são um guia seguro para isto. Para tanto, não nos importaremos com detalhes “académicos” sobre escritos, épocas ou influências. Bastar-nos-á aquilo que na época final de Roma também lhes foi suficiente: uma despreocupação com especulações filosóficas ou científicas sobre as “questões últimas” e uma concentração total em técnicas de como viver de maneira imperturbável num mundo conturbado e em constante fluxo. Podemos notar uma semelhança com outro ramo dos ensinamentos tradicionais que encontramos no Zen-Budismo: aqui também se recusa “filosofar” e aponta-se para uma experiência directa com a realidade, sem mediações, textos sagrados ou revelações. Vejamos como se alcançam esses objectivos do ponto de vista estóico.

Auto-domínio: o grande objectivo

Antes de mais nada é preciso deixar de lado o uso e preconceito moderno no que se refere ao termo “estóico”. Actualmente, acredita-se que um estóico seja uma pessoa sem qualquer emoção e que aceita passivamente o destino. Tal interpretação deve-se a uma perda do sentido original do termo grego “pathós” que entre nós tornou-se “paixão” com as suas conotações românticas e sentimentais. No original, “pathós” significa “sofrimento” ou “algo que se sofre” (de maneira passiva). Um dos principais conceitos e objectivos estóicos é o de livrar-se de todo “pathós”, ou seja, sofrimento. Neste sentido, o sábio estóico diz-se “apático”. Contudo, ele irá sim sentir todas as emoções pertencentes ao espectro humano *mas não se deixará dominar por elas*. Para entendermos melhor este conceito, vamos olhar mais de perto o modelo psicológico adoptado por eles. No mundo e no dia-a-dia somos constantemente bombardeados por diversas impressões (imagens, cheiros, pensamentos, fantasias) que nos movem em direcção a algo (desejo, esperança) ou que nos fazem fugir de algo (aversão, medo). Para os estóicos esses actos de avançar ou fugir, são escolhas ou actos de julgamento. Não podemos controlar as impressões que chegam até nós, mas podemos controlar a nossa reacção a essas impressões. Ora, só desejamos aquilo que nos parece bom e só fugimos daquilo que nos parece mau. Aqui, os estóicos apontam para o facto que aquilo que a massa das pessoas considera como “bom” e “mau” não passa de um erro de julgamento. Riqueza, saúde, posses, roupas, vida, festas são tidos como “bens” e portanto desejáveis. Seus opostos, como males. Os estóicos argumentam que nada dessas coisas está em nosso completo controle e podem ser tiradas ou dadas (de maneira igualmente imprevisível) pela Fortuna e que basear a felicidade ou “apatia” nelas é estar em solo movediço. Devemos portanto considerar como bens unicamente aquelas coisas que ninguém (nem mesmo Zeus, como diriam os sábios estóicos) nos pode tirar: as virtudes. Ninguém, dizem os sábios, pode nos convencer que é noite se olhando pela janela vemos que é dia. Por outras palavras, o meu poder de assentir a determinada impressão cabe somente a mim. E em toda e qualquer circunstância é possível escolher o caminho virtuoso, mesmo que o resultado dessa escolha seja a morte. O importante é que façamos a escolha de acordo com a nossa natureza racional e divina. Aqui já podemos encontrar os ecos de todos os ensinamentos Tradicionais numa forma prática e directa. Para isso, temos de recordar que quando falamos de “virtudes” não empregamos o termo no sentido “moral” ou “sentimental” do termo. Falamos de “virtus” enquanto “força”, empregada como uma técnica (“askesis”) para conduzir o aspirante de um estado de confusão para um estado de imperturbabilidade Olímpica (ou mantendo as nossas comparações budistas em vista, ao

estado de Nirvana – ou seja, a extinção da "mania" e apego).

Assim, temos a grande fórmula estóica: *O único Bem é a virtude, o único Mal é o vício – o resto é indiferente.* Para muitos, a definição de sabedoria é a escolha entre os indiferentes: entre a opção de ser pobre ou rico, o sábio escolherá a riqueza; entre ser saudável ou doente, escolherá a saúde *desde que esses objectivos estejam de acordo com a sua natureza individual, a natureza do cosmos e a natureza divina.* Epicteto chega mesmo a dizer que se soubesse de antemão que morrer ou ficar doente estivessem em conformidade com os desígnios de Zeus, ele voluntariamente os escolheria.



A autarquia, ou o governo de si mesmo, torna-se o grande objectivo do sábio estóico que serenamente anda pelo mundo, mantendo um afastamento interior em relação a todas as coisas – utilizando-se delas, sem ser por elas utilizado. Ele é um mestre da sua vida e não um escravo das circunstâncias. Esse é, como apontado por Evola e visto mais acima, "o grande eco que ressoa por todo o mundo Clássico" desde as directrizes do templo de Apolo (o símbolo da Tradição Hiperbórea) com o seu "conhece-te a ti mesmo" e "nada em excesso" até à última grande florescência com Plotino.

O recto agir

Como vimos, para os estóicos o único bem verdadeiro é a Virtude – sendo que tudo o resto, que em geral se traduz por dualidades (vida/morte, desejo/aversão, saúde/doença, riqueza/pobreza, etc.) é considerado "indiferente". Uma das possíveis definições de "sabedoria" dada pelos nossos sábios é que ela consiste na escolha adequada entre os indiferentes. Aqui deve-se enfatizar que para os estóicos a escolha pela Virtude ou para agir sabiamente era a única decisão importante, a única que poderíamos fazer. Se alcançamos ou não os nossos objectivos, não nos diz respeito – mas sim aos desígnios de Zeus. Para ilustrar essa ideia, recorriam à imagem de um arqueiro (note-se que Apolo, símbolo da Tradição Hiperbórea é um arqueiro e que Arjuna que recebe o ensinamento Solar de Krishna também o é). Ao arqueiro cabia apenas a responsabilidade de adoptar a postura perfeita e realizar o disparo da flecha rumo ao alvo. Alcançá-lo era de menor importância. Por outras palavras, *ele deveria fazer o que tinha que ser feito, sem se importar com os resultados*. Tal atitude é-nos familiar pelos escritos de Evola e dos textos Tradicionais:

"Quem está acima dos contrastes e conserva-se calmo e contente, sempre pronto a cumprir sua tarefa e, contudo, sem apegar-se à obra, facilmente se liberta dos vínculos da ilusão" (Bhaghavad Gita V, 3).

O Imperador Romano (Medita-ções, III, 5):

"Não haja nos teus actos má vontade, nem egoísmo, nem falta de exame, nem contrariedade. Não embeleze os teus pensamentos a finura; não seja loquaz nem afanoso. Ademais, seja o deus que há em ti o superior de um ente viril, respeitável, um estadista, um romano, um príncipe que a si próprio tenha disciplinado, como seria quem aguardasse, desprendido, o chamado para deixar a vida, sem precisão nem de juramentos nem de um testemunho humano. Além disso, serenidade, prescindindo de ajuda externa, prescindindo de tranquilidade propiciada por outrém. Cumpre ser direito; não desentortado."

Cabe notar que tal atitude não deriva de um temor sobrenatural de algum "Inferno" ou esperança num "Paraíso" – tão-pouco por temor à divindade ou coação social, "obrigação moral" ou qualquer coisa do género. O estóico age em conformidade com a sua natureza interior e nobreza intrínsecas. Age-se porque é o que ordena a própria conformação. Segue-se o princípio divino interior. Faz-se o que é preciso ser feito. Marco Aurélio vai ainda mais longe: ao propor a hipótese da não existência ou não interesse dos deuses no mundo, ele conclui (Meditações, VI.44):

"(...) cabe a mim pensar por mim mesmo: e a minha preocupação é pelo melhor. O melhor para cada um é o que convém à sua natureza e condição: e a minha natureza é tanto racional quanto social. Como Antoninus minha cidade e país é Roma: enquanto ser humano, é o mundo. Portanto, o que beneficia a estas duas cidades é meu único bem."

Encontramos um símile budista que expressa exactamente a mesma ideia: "*Mesmo no inferno, comportar-me-ei honradamente*."

Na verdade, encontrar essa natureza nobre e lei interior (vejam-se os primeiros capítulos de *Cavalgar o Tigre*) é um dos primeiros passos requeridos para se iniciar na filosofia estóica. Séneca faz referência a isto nas suas *Cartas* e igualmente Epicteto no Manual XXXIII:

"Prescreva a si mesmo, imediatamente, uma forma e carácter aos quais irá observar tanto sozinho quanto se deparar com outros homens."

As duas naturezas

Os estóicos acreditavam que todo o universo era num certo sentido "material" e que era animado por um Fogo ("Lógos") que a tudo permeava e dava forma. Isso levou muitos académicos a considerar que os estóicos eram panteístas. No entanto, uma leitura cuidadosa dos textos que nos chegaram revelam que todos os estóicos consideravam (como os ensinamentos Tradicionais) a existência de duas naturezas tanto no homem quanto no mundo: uma material e outra divina. Diziam os nossos sábios que todo o homem é dotado de uma "centelha de Zeus" e que é ela que nos guia e orienta. E que é ela somente a quem devemos adoração e o culto divino. Essa centelha manifesta-se em nós como Razão (e não "positivismo") e é a mesma Ordem que encontramos em todo o Cosmo. Zeus (ou seja, o princípio Olímpico e não-condicionado) ternos-ia dado uma parte de si mesmo com o objectivo de nos guiar por entre um mundo caótico e em constate fluxo da matéria. Em termos universais, os estóicos ensinavam que "Zeus" corresponde à Razão Cósmica, Imaterial, Eterna e que "Hera" (ou Juno) corresponde à matéria.

Assim, fica evidente a relação com os ensinamentos Tradicionais que embora não explicitamente aparentes nos textos estóicos nos fazem facilmente perceber que eles tinham conhecimento dessas ideias. Prova disso, encontramos na discussão sobre a lenda de Héracles (ou Hércules, também ele um arqueiro) que após cumprir uma vida inteira de acção e trabalhos sobre-humanos (em particular os seus "Doze Trabalhos", de natureza solar) é recompensado com a imortalidade Olímpica. Por trás dessa alegoria, tal como nos explica Evola numa série de artigos e livros (veja-se por exemplo, o capítulo 8 de *Revolta contra o Mundo Moderno*), encontra-se a doutrina da conquista heróica da imortalidade, quando o indivíduo se eleva acima dos laços puramente naturalísticos e humanos e funde-se, por assim dizer, com a sua natureza divina, olímpica. Os estóicos diziam que o sábio (o homem assim unificado) mantinha sua unidade após a morte – mas que as demais pessoas, devido a uma "fraqueza" interior não conseguiam manter a sua consistência e voltavam ao todo indiferenciado. O próprio Cosmos e todos os deuses existentes nele também eram sujeitos a uma criação/destruição cíclica (outro eco Tradicional) sendo que apenas Zeus, em seu carácter de Fogo Cósmico ("Lógos") se mantinha íntegro ao final de cada ciclo ou conflagração. Séneca retrata do seguinte modo esse processo macrocósmico comparando a auto-suficiência do sábio com o estado final do Universo e o estado transcendente de Zeus (Júpiter) que não é afectado por esse acontecimento (Cartas a Lucílio, IX):

"[Essa condição] Será como aquela de Júpiter, quando a natureza toma seu repouso, de curta duração, quando o universo é dissolvido e os deuses se fundem em um [a natureza transcendente de Zeus] que encontra repouso em si mesmo, absorvido em seus pensamentos."

A doutrina exposta por Chrysippus, o estóico que tratou da lenda de Hércules, faz referência a esta ocorrência e atesta que o sábio poderia manter o seu estado até à próxima conflagração e início do novo ciclo. No plano microcósmico, encontramos a confirmação do simbolismo de Hércules no Bhaghavad Gita (VII,18-19):

"Todos os que me adoram são bons e todos a mim chegarão; mas o sábio que se me entrega todo, sujeitando-se em tudo à minha vontade, é como meu próprio Eu, repousando em mim, que sou seu alvo final.

Depois de muitas vidas, em que acumulou sabedoria, vem o Sábio a mim e, realizando sua união comigo, compreende que o homem perfeito é idêntico ao universo."

A espiritualidade viril

Já vimos que os estóicos tinham como principal objectivo o autodomínio e a total indiferença ao que não era possível controlar. Mas devemos evitar a conclusão errónea de que os sábios ou filósofos estóicos viviam à margem da sociedade, isolados e alheios a tudo em algum transe místico. Pelo contrário, como indicado acima, eles contavam-se entre escravos, imperadores, políticos, legionários e basicamente entre toda a aristocracia romana. Eles entendiam que todos participamos de uma grande peça e que nos cabe representar esse papel da melhor maneira que pudermos – se o de guerreiro, então agir como um guerreiro honrado e leal; se o de sofrer o exílio, sofrê-lo de maneira viril e alegre, sabendo que isso nada mais é que uma aparência, incapaz de afectar o núcleo divino e olímpico presente em nós. Tanto Séneca como Marco Aurélio comparam a vida com a "arte da luta", pois nela não sabemos o quê ou quem se nos apresentará como adversário, mas o nosso papel é estar preparados e lutar, "mesmo que de joelhos". Séneca chega mesmo a apontar para o facto de que isso nos torna potencialmente aptos a superar até mesmo os deuses, pois estes não conhecem a dor e o sofrimento enquanto nós podemos triunfar sobre todas estas coisas. Observe-

se então a que nível de evolução e desprendimento se aponta aqui! Mais uma vez encontramos ecos de doutrinas budistas onde o Buda diz que aquele que foi liberto, está além do mundo dos deuses que tem início e fim. Outro ponto em comum entre as duas escolas, está na liberdade com que encaram a questão da morte e o suicídio. Longe de constituir um "pecado" o suicídio é justificável quando não se pode viver de maneira a permitir a livre escolha das virtudes. Catão, o grande exemplo do sábio estóico (vale notar que ele também era sacerdote de Apolo), declarou que ou se mataria ou iria para o exílio dependendo do resultado da guerra que devastava Roma na época de Júlio César. E de facto, ao constatar a vitória de César e o que isso implicaria em termos da sua liberdade e dos princípios que estariam perdidos, tirou a própria vida da maneira que todos os estóicos viam como exemplar: calma e sem lamentos vãos, ainda que jocosamente. É digno de nota que Evola cite Catão como uma última referência dentro do mundo romano, no que diz respeito à encarnação dos valores heróicos aqui expostos (veja-se por exemplo o Boletim Evoliano nº 4: "Virilidade Espiritual - Máximas Clássicas" e "Para Adriano Romualdi"). Epicteto diversas vezes diz: "Sim, temos que morrer. Mas é preciso ir se lamentando e chorando?". Nota-se de novo, o autodomínio e a ideia de que apenas a Virtude é o único Bem – a morte é indiferente. Sobre isso, constata-se uma anedota ao estilo Zen contada por Epicteto: quando Pyrro foi questionado sobre se a vida e a morte são indiferentes, porque então não se matava, ele respondeu: "Por que não faz diferença". A única coisa que importa é escolher virtuosamente. Mesmo o resultado dessas escolhas não nos diz respeito. Sucesso e fracasso, dor e prazer, vida e morte, riqueza ou pobreza, liberdade ou escravidão, serão indiferentes ao sábio que faz o que precisa ser feito. Compare-se estes ensinamentos com o texto máximo da espiritualidade guerreira apresentada no Bhaghavad Gita e ver-se-á que de facto os estóicos preservavam um conhecimento e uma ética (entendida num sentindo superior) que remete para toda a tradição Ario-Romana e Hiperbórea!

Apenas para dar um breve exemplo, examinemos dois ensinamentos. Começaremos com o imperador Romano, Marco Aurélio e suas "Meditações" (livro VIII, 32):

"– Deves organizar a tua vida acto por acto e dar-te por satisfeito se cada um deles alcançar o seu fim tanto quanto possível; ninguém pode impedir que leves cada acto a alcançar o seu fim.

– Mas surgirão obstáculos de fora.

– Nenhum, pelo menos, que te impeça a justiça, a temperança, a prudência."

Vejamos agora a mesma ideia expressa no Bhaghavad Gita (XVIII, 23):

"A acção que é controlada e livre de apego, realizada sem desejo ou ódio, sem desejo de receber fruto, é dita preenchida pelo ser."

O estoicismo hoje

Deve ter ficado claro aos nossos leitores que o Estoicismo possui no seu núcleo o mesmo conjunto de verdades que reencontramos em todos os textos e escolas Tradicionais. Tirando os abusos estéreis das análises académicas, o Estoicismo pode-se tornar novamente uma fonte de inspiração e um guia seguro a tantas distorções modernas. Os conselhos estóicos não dependem de qualquer "filosofia" ou "metafísica" sentimental mas apontam para aquela claridade dórica e viril tão cara aos homens que vivem entre ruínas. Os conselhos de "jogar o jogo enquanto não for contra a sua natureza interior" são tão válidos hoje quanto eram na época em que foram formulados. Os estóicos viam como inevitável participar da sociedade humana e dos sistemas históricos, mas sempre com um sentimento interior de desprendimento (e não desprezo) por tudo que fosse alheio à centelha divina e ao comando da Razão Suprema. Nada nem ninguém tem o poder de nos constranger a escolher o que é de acordo com a Natureza, a Virtude e a Razão – se eu assim não permitir. Nem mesmo Zeus. Hoje mais do que nunca esse sentimento de nobreza interior, de lealdade aos valores do Espírito, de uma Rectidão que não pode ser comprometida precisa ser readquirida e plenamente vivida. Ou, numa expressão que nos é cara, "manter-se de pé entre as ruínas, como testemunhos da Tradição".

O nosso objectivo com este trabalho é que ele possa inspirar todos os nossos leitores a mergulhar nas fontes estóicas e retornar transformados. Afinal, como nos afirma Séneca: *"A promessa da filosofia é tornar-nos divinos".*

Bibliografia:

Trabalhos Estóicos
Epicteto:
- Manual
- Discursos

Marco Aurélio:
- Meditações

Séneca:
- Sobre a Vida Feliz
- Sobre o Ócio
- Sobre a Ira
- Sobre a Clemência
- Da brevidade da vida
- Da firmeza do sábio
- Da tranquilidade da mente
- Sobre a Providência
- Cartas a Lucílio

Textos Tradicionais:
- Bhaghavad Gita
- Tao Te Ching
- Cânone Páli

Julius Evola:
- Os Homens e as Ruínas
- Revolta contra o Mundo Moderno
- Cavalgar o Tigre
- A Doutrina do Despertar

Estudo

O simbolismo do Arco

Marcos Rogério Estevam*

Neste artigo pretendemos dar aos nossos leitores uma visão do simbolismo do arco tal como visto pelas sociedades e textos Tradicionais. Não nos será possível fazer um estudo exaustivo e completo do tema (apenas a literatura indiana ocuparia centenas de páginas) mas esperamos fornecer textos e símiles significativos que possam dar aos nossos leitores as chaves e direcções que permitam aprofundar os seus estudos e acertar o "alvo" supremo: o Espírito.

O nosso estudo será dividido em uma breve introdução histórica mostrando a antiguidade e o uso contínuo do arco até à invenção e disseminação das armas de fogo. A seguir trataremos de diversas interpretações simbólicas – tais interpretações serão dadas de maneira mais genérica e abstracta. Na sequência, faremos uma incursão pelas sociedades Tradicionais mostrando de maneira mais concreta como as interpretações da secção anterior foram particularizadas em algumas civilizações históricas. Finalmente, concluiremos com outro estudo simbólico mostrando o papel assumido metafisicamente pela figura do arqueiro.

Uma breve história do Arco

O arco é uma das mais antigas armas desenvolvidas pela humanidade. Encontramos pinturas e representações de caça e guerra datando de aproximadamente 35 mil anos, onde o arco já aparece proeminentemente. As flechas mais antigas que sobreviveram até aos nossos dias datam de aproximadamente 9 mil anos e foram encontradas na Alemanha. Já o modelo de arco mais antigo conhecido foi encontrado num pântano da Dinamarca. É significativo também que o arco apareça em praticamente todas as civilizações e continentes com excepção do continente australiano. As maiores civilizações da história fizeram um uso contínuo e frequente do arco como arma de guerra ou caça: egípcios, persas, partios, assírios, mesopotâmios, babilónios, hindus, coreanos, chineses e japoneses.



Praticantes de *kyudo*

Na Europa o arco teve grande proeminência entre os anos de 1066 e 1640 e literalmente mudou o mapa do continente. Igualmente significativa foi a influência do arco no sub-continente indiano e no grande império Mongol controlado por Genghis Khan. Após o século XVII o arco foi abandonado como arma de guerra, sendo utilizado para a caça recreativa ou desporto. Igualmente no Japão e aproximadamente na mesma época, o arco que antes era empunhado orgulhosamente pelos samurais, tornou-se obsoleto na guerra graças à introdução das armas de fogo pelos europeus. E tanto na Inglaterra quanto no Japão, surgiram escolas ou sociedades de arqueiros que procuraram manter activas as antigas tradições. No Japão, isso ocorreu com a mudança da prática do *kyujutsu* ("técnica do arco") para o *kyudo* (o "Caminho do Arco") e foi essa modalidade que se tornou extremamente conhecida no mundo moderno com a publicação do livro "A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen" pelo filósofo alemão Eugen Herrigel. Já as sociedades europeias (as mais famosas sendo a Fraternidade de São George e a Fraternidade dos Cavaleiros do Príncipe Arthur) mantiveram em paralelo à prática do tiro, uma interpretação religiosa e ética (ainda que não iniciática) que era exigida de seus membros (como seria de se esperar, embora estas sociedades existam até hoje, o lado ético-religioso foi totalmente ignorado e embora algumas "tradições" tenham sido mantidas elas possuem apenas um carácter "social". Igualmente, as escolas de kyudo aos poucos desviam-se de sua intenção original de serem um "caminho marcial" (*budo*) e tornam-se "clubes de arqueria", interessados apenas no aspecto exterior e competitivo do desporto).

Interpretações simbólicas

No mundo Tradicional como sabemos, cada objecto ou aspecto da vida é visto como um reflexo de realidades superiores. O sagrado não é uma dimensão à parte da vida ou das actividades gerais. Pelo contrário, é o grande ponto de referência que torna toda e qualquer actividade um "meio" ou "caminho" para uma realização que transcende as limitações deste plano. No que diz respeito à interpretação simbólica do arco não é diferente.

A primeira interpretação simbólica que podemos atribuir ao arco, relaciona-se com o seu papel de "intermediário" entre o mundo superior ("Céu") e o inferior ("Terra"): as duas pontas ou extremidades do arco apontam, quando pronto para disparar uma flecha, naturalmente e simbolicamente para estes mundos. Entre as duas extremidades, está a corda que as une e aproxima. Vemos aqui o equivalente da "Corrente Dourada" que une o "Céu e a Terra" apresentada na *Ilíada*, VIII.18. Ou seja, trata-se do simbolismo do *Axis Mundi*, o eixo do mundo, ao redor do qual revolvem todas as esferas planetárias e simbólicas. A mesma imagem aparece na narrativa bíblica da "Escada de Jacó" (Génesis 28:12, 13) e nas escrituras hindus, onde Agni Anikavat é chamado de "filho do Céu e da Terra" – Agni é visto como uma personificação do Fogo Sagrado utilizado nos ritos e "anika" significa a ponta de uma flecha. Na tradição nórdica, o eixo do mundo é chamado de *Yggdrasil* e ao seu redor estão os Nove Mundos. Yggdrasil é vista como uma gigantesca árvore e é por muitos interpretado como sendo um freixo, que é tradicionalmente considerada a melhor madeira para a fabricação de arcos.

Se colocarmos a ideia dos mundos superiores e inferiores não num eixo (verticalmente) mas como planos concêntricos (horizontalmente) teremos a imagem clássica de um alvo. Ao centro (para continuarmos com a tradição Nórdica) teríamos a morada dos deuses, chamada de "Asgard" e progressivamente os demais mundos tais como Midgard (o plano material) até os mais "externos" (ou seja, mais afastados do princípio central e espiritual) tais como Muspellheim (o reino das forças elementares, associadas ao fogo destrutivo). Assim representados, os mundos e o alvo formam a tradicional figura da "mandala" oriental.

> "A primeira interpretação simbólica que podemos atribuir ao arco, relaciona-se com o seu papel de "intermediário" entre o mundo superior ("Céu") e o inferior ("Terra"): as duas pontas ou extremidades do arco apontam, quando pronto para disparar uma flecha, naturalmente e simbolicamente para estes mundos. Entre as duas extremidades, está a corda que as une e aproxima. Vemos aqui o equivalente da "Corrente Dourada" que une o "Céu e a Terra" apresentada na Ilíada."

Outra interpretação na mesma esfera de pensamento, é ver o centro do alvo como o Sol e os demais círculos como as esferas planetárias da Tradição. O Sol, visto simbolicamente, representa o Espírito, as virtudes clássicas e heróicas e é portanto o "alvo" ou "objectivo" de todo aquele que trilha uma senda espiritual. É também uma representação bastante evidente do "centro" ou "núcleo" interior de uma pessoa. Na língua inglesa, o centro do alvo é chamado muito apropriadamente de "gold" (ouro, símbolo da luz e da imortalidade) e nos alvos tradicionais o centro é geralmente de cor amarela (o próprio termo "alvo" ou "blanco" na língua espanhola aponta para a cor "branca" do puro espírito ou da qualidade transcendente do Absoluto). Outra analogia pertinente dentro desse contexto é a dos raios do Sol como flechas disparadas em direcção à Terra. No mundo greco-romano, Apolo visto como Deus-Sol conferia uma doce morte aos seus eleitos através de suas flechas.

Por outro lado, também podemos interpretar o disparo de uma flecha em direcção ao alvo e ao seu centro como uma outra imagem do *axis mundi* (mas simbolicamente rotacionado em 90º). Se visualizarmos desta maneira podemos dizer que o objectivo do arqueiro não é apenas "alcançar o centro" seguindo o caminho da "corrente dourada" mas também ir além das formas condicionadas ao trespassar o alvo. Ou seja, livrar-se das imagens e símbolos e entrar no reino que está além da existência e da não-existência, o Absoluto Incondicionado (veja-se o conceito platónico do "Céu Trans-urânico", *Fedro 247 C*).

A flecha também possui o significado simbólico de uma "palavra alada" que atinge seu alvo certeira (veja-se as "Odes" de Píndaro). O recto entendimento era visto entre os gregos como um disparo perfeito. Também vemos esta imagem no *Athorva Veda Samhita* (I.1) ao chamar o arqueiro de "Senhor da Voz", tornando evidente que a corda do arco corresponde à voz e a flecha a um conceito audível. Pensamos aqui imediatamente no uso de mantras e outras expressões sagradas com fins meditativos ou de poder, pois é dito no *Aitareya Aranyaka II.5* que "impelida pela Mente, a Voz fala". Esta imagem de uma flecha disparada pelo arco ou a voz pela mente reforça o simbolismo "alado" que já vimos anteriormente entre os gregos. Igualmente,

a flecha em voo pode representar um pássaro (em sânscrito "pattarim", significando "alado") que é tradicionalmente um símbolo do espírito livre da matéria.

A flecha colocada no arco, apresenta da maneira visual e inequívoca o conceito do "caminho do meio" – uma vez que fica posicionada aproximadamente no meio do arco, entre os dois extremos que como já vimos remetem ao "Céu" e à "Terra". Estamos portanto lidando com a ideia da "harmonia". Dentre os filósofos gregos, o pensamento de Heráclito é o que mais se baseia nesse conceito de harmonia, visto como um ponto mediano ou de equilíbrio entre extremos:

"Eles não compreendem como, separando-se podem harmonizar-se: harmonia de forças contrárias, como o arco e a lira." (Frag. 51)

E igualmente:

"O arco (*bíos*) tem por nome a vida (*biós*) e por obra a morte." (Frag. 48)

Estas ideias correspondem exactamente ao espírito apolíneo resumido na sentença "Nada em excesso", que podem ser experimentadas na correcta tensão aplicada para "dobrar" o arco e disparar a flecha.

Outro ponto de coincidência simbólica entre o mundo greco-romano e o hindu, se dá na representação do Deus do Amor e do Desejo como um arqueiro: Kama entre os hindus e Ero/Cupido entre os greco-romanos. A actuação desses deuses ao inflamar o desejo e o amor naqueles que são feridos por suas flechas, assemelha-se ao actuar de Apolo e Ártemis, que como vimos, disparam de longe suas flechas ocasionando a "morte" (simbólica ou literal de homens e mulheres respectivamente) que foram por eles "eleitos". A associação da Morte e o Amor também não nos deve surpreender, já que está fartamente atestada em diversos estudos simbólicos e através de imagens (evidentemente não podemos tratar desse assunto aqui, mas recomendo aos leitores interessados que procurem o ensaio "The Greek Sphinx" de Ananda K. Coomaraswamy) – e retratam a passagem de um estado ou plano a outro ou, se preferir, a uma mudança interior provocada pela entrada de uma energia transcendente no indivíduo que o eleva ("amor") ou o leva para outro reino ("morte") de consciência (lembramos que os ritos de iniciação no mundo Tradicional também apontam para o simbolismo da "morte" ou "segundo nascimento").

Nas escrituras cristãs, em particular nos Evangelhos, a palavra que se encontra nos originais gregos para "pecado" é "hamartia". O significado desta palavra não trás as conotações moralistas, sentimentais e religiosas associadas à nossa palavra "pecado". Antes, significa literalmente "errar a marca" e se refere, como deve ter ficado evidente, ao arqueiro que erra o alvo ao disparar uma flecha (nas tragédias gregas, "hamartia" significa uma "falha trágica", em geral um excesso de orgulho, que trás a queda do protagonista). Quando interpretada dessa maneira, evita-se um excesso de culpa que pode paralisar a consciência bem como a sensação de uma "expiação" necessária ou "mancha" aderida à alma. Torna-se apenas uma questão "técnica" e de "prática". Novamente, encontramos nas escrituras hindus ideias semelhantes, onde o termo utilizado é "aparadh" significando "errar o alvo", "extraviar", "falhar", "pecar". No *Taittiroya Samhita II.5.5.6* é dito que aquele que erra seu alvo se faz pior (*papiyan*) enquanto aquele que acerta é como deve ser.

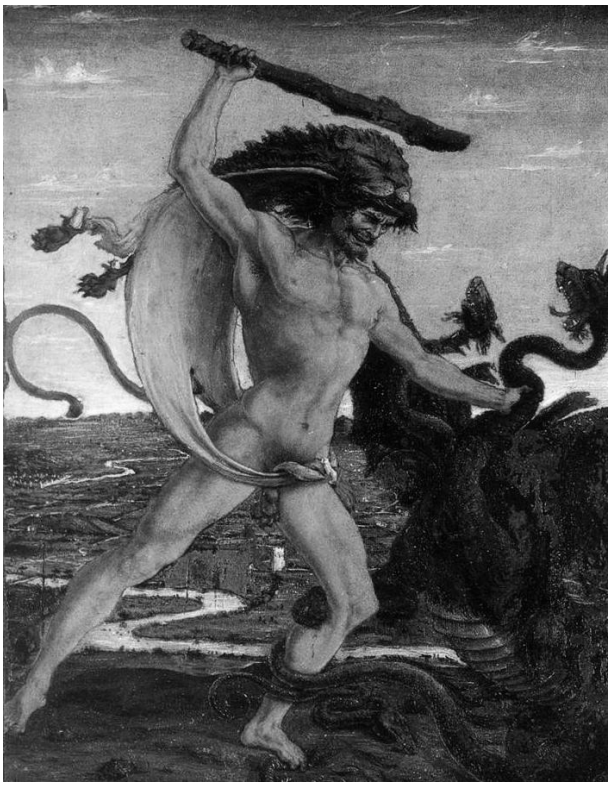
O Arco no Mundo Tradicional

Já temos agora diversos elementos e símbolos ao nosso dispor que nos permitirão aprofundar o nosso estudo com exemplos concretos de textos, ideias e mitos tradicionais que se utilizam do arco ou da figura do arqueiro para transmitir conhecimentos ou práticas iniciáticos. Apenas para fins de exposição, iremos dividir esta secção em subsecções relacionadas a áreas geográficas (Oriente, Oriente Médio e Ocidente) mas o leitor deverá ter em mente que em rigor não existe nenhuma separação em termos de doutrina ou simbolismo entre essas civilizações. Conforme já enfatizado por Julius Evola não existe nenhuma separação dentro do mundo Tradicional entre "oriente" e "ocidente": o que existe são civilizações que seguem os princípios Tradicionais e as que não seguem.

Dentro dessa esfera de ideias, ou seja, àquelas pertencentes ao que é típico do mundo Tradicional, encontramos aquela que se refere ao uso cerimonial ou mágico de objectos consagrados ritualmente para determinado fim. Não se trata de maneira nenhuma de "superstição", "fetichismo" ou "animismo" (utilizados aqui num sentindo antropológico e profano) mas antes de uma técnica precisa e bem determinada. Basta pensarmos nos ritos descritos no *Rig Veda* e naquilo que os romanos chamavam de *numen* (para uma descrição mais detalhada consultar "Revolta Contra o Mundo Moderno" de Julius Evola). Embora não encontremos textos sobreviventes a respeito da consagração específica de arcos, podemos deduzir pela existência de ritos associados a outros objectos que de facto isso deveria ocorrer. A título de exemplo, narraremos a tradição associada a Héracles (Hércules) e a tomada de Tróia (seguiremos o texto da tragédia *Filoctetes* de Sófocles).

Hércules, como sabemos, representa o espírito heróico que através do esforço alcança a imortalidade Olímpica. Também representa a luta do princípio solar contra as forças do caos e matriarcais. Entre seus feitos contam-se os famosos "Doze Trabalhos" (sendo o 12 um número solar, relacionado ao ano) e a sua busca pelo Velocino de Ouro (outro símbolo solar) junto com os Argonautas (empreitada essa que estava sob a bênção de Apolo - cf. *Argonautica*). No que diz respeito a Tróia, fala-se de uma tradição que apenas utilizando-se o arco de Hércules seria possível con-

quistar a cidade (é aqui portanto que se insere a ideia de um objecto investido de um poder superior). Tal arco estava sob a posse de Filoctetes mas que no caminho para Tróia foi abandonado numa ilha após ter sido picado por uma serpente, guardiã do templo da ninfa Crise (o Velocino de Ouro também era guardado por um dragão - voltaremos ao tema dos "guardiões ofidios" no final deste estudo), uma vez que tal ferida não curava e exalava um cheiro insuportável. Abandonado à sua própria sorte, tinha apenas consigo o arco e as flechas herdados de Hércules. Finalmente, após anos de solidão e após um oráculo ter sido proferido indicando que apenas com o arco de Hércules seria possível reverter a situação, uma delegação composta por Odisseu (Ulisses) e o filho de Aquiles, Neoptólemo, parte em direcção à ilha rochosa. Como Odisseu havia sido o culpado pelo abandono de Filoctetes este recusa-se a voltar e ajudar na conquista de Tróia. Não nos interessam aqui, todos os temas tratados ao longo da peça, mas apenas a intervenção final de Hércules (v. 1410 - 1440):



"Hércules e a hidra", de Antonio Pollaiuolo

"(...) Fica certo de que a voz de Héracles
teus ouvidos escutam e teus olhos vêem sua imagem.
Para te fazer um favor, as mansões celestes
deixei e venho
para te revelar as decisões de Zeus
e desviar do caminho que pretendes seguir.
Presta atenção às minhas palavras.
Em primeiro lugar, vou contar-te a minha sorte, os trabalhos que sofri e suportei, antes de adquirir a glória imortal que podeis contemplar. Também a ti, podes crer, te está destinada sorte igual: ter uma vida gloriosa, depois dos sofrimentos de agora.
(...) com as minhas flechas despojarás da vida a Páris (...) e arrasarás Tróia. Os despojos, enviá-los-ás ao teu palácio (...). Mas o que receberes do exército em memória das minhas armas, leva-o ao meu túmulo.
A ti filho de Aquiles, dirijo também meus conselhos, pois nem tu podes tomar a cidade de Tróia sem ele, nem ele sem ti. Como uma parelha de leões que vivem juntos, deveis guarda-vos mutuamente: ele a ti e tu a ele.
Eu enviarei para Tróia Asclépios [Deus associado à cura, filho de Apolo, e cujo um dos símbolos era uma serpente], que te curará da enfermidade [Filoctetes] (...) Mas atendei ao seguinte: quando tiverdes devastado a terra, sede reverentes para com os deuses. Zeus Pai considera de somenos todo o resto. É que o respeito pelos deuses não perece com os mortais. Quer eles vivam, quer eles morram, não se desvanece."

Neste longo trecho citado, encontramos diversos temas e símbolos Tradicionais (tais como o "leão", símbolo do sol, da luz, do espírito; a imortalidade Olímpica e o culto ao herói) – mas não poderemos nos deter neles. Fica claro, contudo, que o uso do arco como arma ritual está plenamente presente nas imagens evocadas aqui.

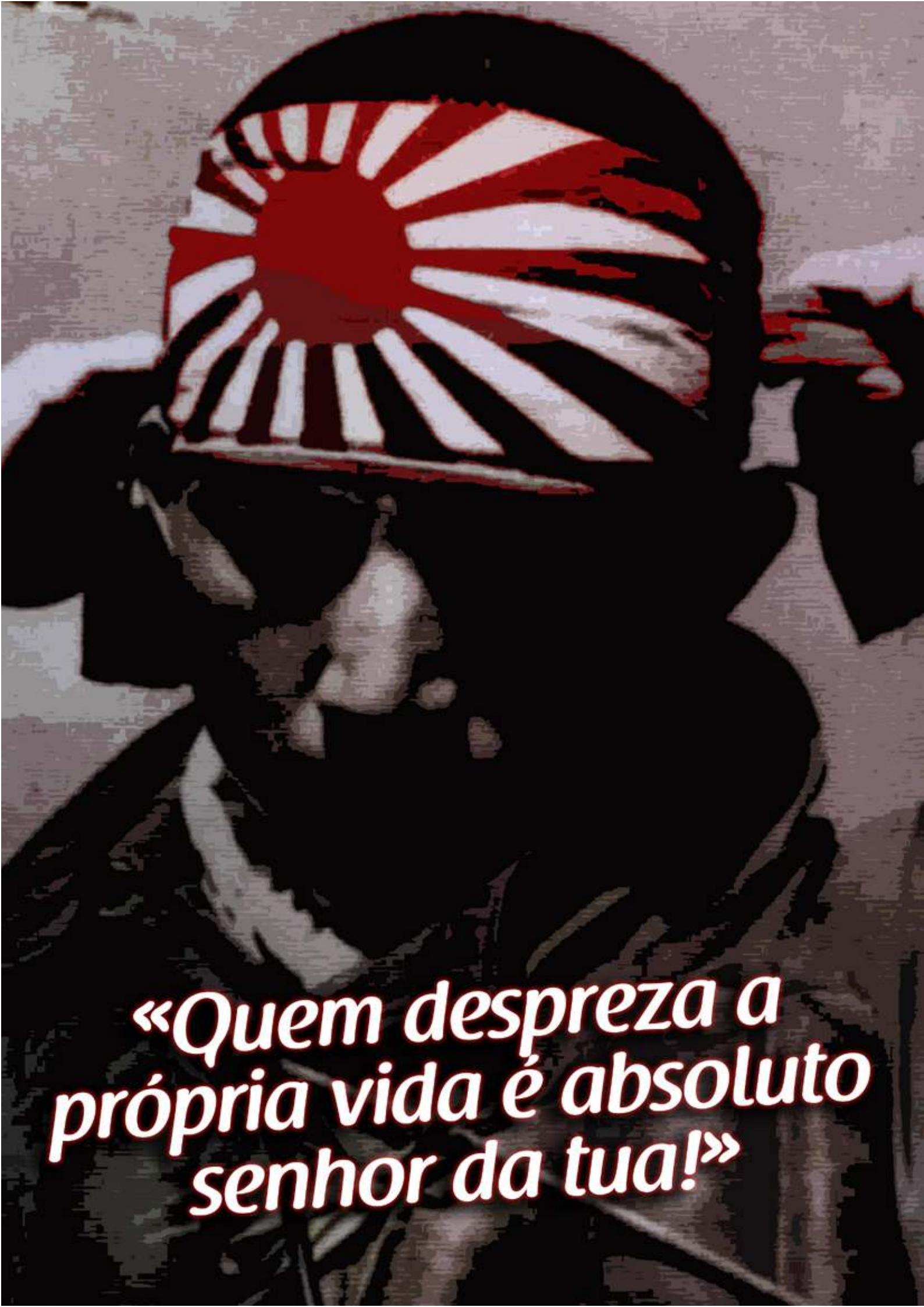
O leitor atento seguramente percebeu a semelhança simbólica e estrutural com outro tema Tradicional: a busca pelo Graal. Que sirva de modelo esquemático apenas o seguinte (para um estudo mais profundo destes temas, consultar "O Mistério do Graal" de Julius Evola):

Filoctetes/Neoptólemo/
Arco/Ilha/Tróia
Amfortas/Parsival/Graal/
Castelo/Terra Devastada

Uma outra ideia de capital importância e que deve ser mencionada e mantida em mente pelo leitor é o uso do *arco como arma típica da realeza ou da aristocracia guerreira*. Nos exemplos que apresentaremos abaixo, esse tema irá reaparecer constantemente. Ou seja, dentro da visão Tradicional das castas, o arco será predominantemente empunhado pela casta do guerreiro, do rei-sacerdote, do herói solar (existe uma notável, mas não surpreendente, excepção: a Europa cristã onde o arco era visto com desprezo pela nobreza mesmo quando sua eficiência na guerra era palpável. O valor do arco só foi devidamente apreciado após a introdução das armas de fogo. Antes disso, embora valorizado na guerra por alguns monarcas e sua prática incentivada, não se podia encontrar associado ao arco nenhum simbolismo heróico ou transcendente tal qual ao que iremos referir aqui. Tanto é assim que um dos primeiros manuais escritos sobre o uso do arco, o *Toxophilus*, de Roger Ascham, faz extensivo uso de fontes gregas ou símbolos clássicos, tal como Apolo, para justificar o uso e a nobreza do arco, uma vez que não poderia encontrar tais símbolos dentro da tradição cristã).

---

* Devido à extensão do texto, publicá-lo-emos em duas partes.


«Quem despreza a
própria vida é absoluto
senhor da tua!»